

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DIANA VIEIRA DO AMARAL**

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES DE  
INGLÊS SOBRE O ENSINO DE INGLÊS**

**Brasília, 2011.**

**DIANA VIEIRA DO AMARAL**

# **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES DE INGLÊS SOBRE O ENSINO DE INGLÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

**Brasília, 2011.**

**DIANA VIEIRA DO AMARAL**

## **As representações sociais dos professores de Inglês sobre o ensino de Inglês**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

**Banca Examinadora:**

**Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)**

**Faculdade de Educação – UnB**

**Ângela Anastácio Silva**

**Faculdade de Educação – UNB**

**Alice Farias de Araújo Marques**

**Centro de Educação Profissional – Escola de Música de Brasília**

Este trabalho de conclusão foi aprovado pela seguinte banca examinadora:

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira - Orientadora**  
**Faculdade de Educação - Universidade de Brasília**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Alice Farias de Araújo Marques**  
**Centro de Educação Profissional – Escola de Música de Brasília**

---

**Prof<sup>a</sup>. MsC. Ângela Anastácio Silva**  
**Faculdade de Educação – Universidade de Brasília**

Brasília – DF, Julho de 2011.

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu pai, pessoa que sempre me apoiou em todos os momentos, me incentivando a valorizar os estudos, o único bem que ninguém tira de ninguém e fazendo com que eu acreditasse no poder transformador da educação.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, sempre ao meu lado, guiando-me e iluminando-me nesta longa caminhada.

Ao meu pai Carlos, pelo constante incentivo aos meus estudos e minha vida profissional, oferecendo-me apoio e estímulo nos momentos incertos e certos, difíceis e fáceis.

A minha mãe Regina que compreendeu e suportou as minhas inúmeras alterações de humor durante o processo de construção do presente trabalho, oferecendo-me o seu infindável apoio.

Ao meu irmão, que sempre soube me valorizar e demonstrar seu amor e admiração, me encorajando a acreditar no meu potencial.

A minha família, pois nada disso teria sido possível sem o auxílio deles.

Aos meus amigos, que de alguma forma fizeram parte deste processo de construção, sempre me oferecendo apoio, contribuindo assim para esta realização.

À professora Dra. Teresa Cristina, que me atendeu com disponibilidade, ajudando-me e aconselhando-me na construção deste trabalho, com carinho, compreensão, respeito e ética.

A banca, pelo tempo cedido a avaliação e ao aprimoramento do presente trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho pretendeu investigar as representações sociais dos professores de Inglês acerca do ensino deste idioma como segunda língua. Busca-se explicitar as representações que os sujeitos construíram mediante suas experiências no ensino da segunda língua e os sentidos que nelas contêm, visando a identificar o significado dessas representações. Assim sendo, este trabalho constitui-se em uma pesquisa, e se caracteriza por ser qualitativa e quantitativa pautada no aporte teórico das representações sociais de Moscovici (ano). A estratégia metodológica empregada na coleta de dados foi o questionário entregue a oito professores da Casa Thomas Jefferson. Identificou-se que as representações sociais dos professores estão em consonância com a literatura exposta por Crystal e Phillipson acerca da hegemonia do Inglês no mundo, assim como as representações sociais dos professores está de acordo com o exposto pela literatura.

**Palavras-chave:** representações sociais, ensino de Inglês, professores.

## **ABSTRACT**

The present paper intended to investigate the social representations of the English teachers about the practice of teaching this idiom as a second language. It seeks to, throughout exploratory research, explicit teacher's representations which they have built through experiences in teaching a second language and the meanings restrained on them, aiming to identify those meanings. Therefore, this paper constitutes an exploratory study and is characterized as qualitative and quantitative based on the theoretical approach of Moscovici on social representations. The methodological strategies used on this study were based on the study analyses by means of an open questionnaire answered by eight Casa Thomas Jefferson teachers. It was identified that teachers social representations of the teachers who participated in this research are in consonance with the theory explored which validates English as global language.

**Key-words:** Social representations, English teaching, Teachers.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Características definidoras da Análise de Conteúdo.....	48
--	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Fatores que motivaram a escolha da profissão .....	49
Gráfico 2 – Relevância do Ensino do Idioma .....	53
Gráfico 3 – Relevância do idioma na Sociedade .....	56

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categoria 1: Fatores que motivaram a escolha da profissão .....	50
Quadro 2 – Categoria 2: Relevância do Ensino do idioma .....	54
Quadro 3 – Categoria 3: Relevância do idioma na Sociedade .....	57

## LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Características do sistema central e do sistema periférico de uma representação.....	32
Tabela 2 – Perfil dos Professores.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	12
PARTE 1	
MEMORIAL .....	15
PARTE 2	
MONOGRAFIA .....	23
INTRODUÇÃO.....	24
CAPÍTULO 1 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	26
1.1 Breve histórico das Representações Sociais.....	26
1.2 A Teoria do Núcleo Central .....	31
1.3 Representações sociais na Educação.....	33
CAPÍTULO 2 – O INGLÊS NO MUNDO.....	36
2.1 A língua global.....	36
2.2 O Inglês como segunda língua .....	39
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA .....	42
3.1. Método .....	42
3.2. Participantes da Pesquisa .....	43
3.3 Instituição Pesquisada.....	44
3.4 Estratégias Metodológicas .....	44
3.5 Procedimentos .....	45
3.6 Procedimentos em relação aos Professores .....	46
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	47
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	59
PARTE 3	
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
APÊNDICES.....	68

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso está dividido em três partes. A primeira parte, *Memorial*, na qual relato minha trajetória escolar e acadêmica durante os anos da Educação Básica e, de maneira especial, da Educação Superior, apontando circunstâncias e experiências que contribuíram para despertar meu interesse sobre o tema da pesquisa.

A segunda parte, a *Monografia*, trata sobre as perspectivas do professor sobre o ensino do inglês como segunda língua. Esta é composta por cinco capítulos. O primeiro capítulo - Representações Sociais traz o aporte teórico no qual o presente trabalho se apoiou para a sua realização. O segundo capítulo - O Inglês no mundo - traz literatura acerca da dominância da língua no mundo. O terceiro capítulo Metodologia - expõe a metodologia na qual o presente trabalho se apoiou para a realização da pesquisa. O quarto capítulo - Análise e discussão dos dados aponta os resultados da pesquisa. E por fim, o quinto e último capítulo traz as considerações finais, conclusões e possíveis investigações posteriores.

A terceira parte, *Perspectivas Profissionais*, traz algumas certezas e futuros anseios e planos para o futuro.

O Inglês está inserido na atual sociedade. Neste raciocínio, a ingerência da cultura americana em países como o Brasil pode ser vista nos hábitos, valores, costumes, no modo de vestir, e até mesmo em alguns vocábulos adotados e aceitos pelos brasileiros nos diferentes setores sociais.

As representações sociais segundo Moscovici (1978) podem ser vistas nos mais diversos setores cotidianamente na sociedade. Esta moderna teoria evidencia como a sociedade passa a se apropriar de teorias basicamente elaboradas pelo senso comum e as usa para interpretar e mesmo intervir na sua respectiva realidade. Sendo assim, este trabalho pretendeu compreender como estas representações se dão em um espaço educativo, especificamente, como os professores da língua Inglesa compreendem as representações existentes na sociedade acerca do ensino desta língua.

Visto a presença da cultura americana na cultura brasileira associada ao interesse pelos estudos na área das representações sociais no âmbito educacional surgiu o interesse por este tema específico.

Há dois anos atuando na área da educação como Professora de Inglês da Casa Thomas Jefferson somado a conclusão da disciplina “Psicologia Social” ministrada pela Professora Teresa Cristina trouxe o tema deste presente trabalho. A partir desta junção de interesses surgiram questionamentos e dúvidas sobre como este profissional, o professor de Inglês como segunda língua, enxerga o ensino da língua e a posiciona neste processo de Ensino.

## PARTE 1



## MEMORIAL

Falar de trajetórias, independente de quais sejam, é sempre um exercício reflexivo e nostálgico, afinal inúmeras lembranças são reativadas e reavaliadas através de uma perspectiva diferente. Quando comecei a escrever esse Memorial enxerguei um filme passando na minha cabeça, um filme que carrega pessoas, professores, familiares, amigos, namorados, onde cada um tem um papel decisivo nas escolhas que julguei corretas em cada momento, ano e espaço que me encontrei durante esses 22 anos de vida.

A minha trajetória escolar, assim como a de qualquer um, foi repleta de altos e baixos, de alegrias e tristezas, de professores maravilhosos e professores não tão maravilhosos assim, enfim, repleta de traumas e superações. Como quaisquer outras trajetórias, posso assim dizer.

O início de tudo se deu no ano de 1991 na Escola Branca de Neve no chamado maternal 2. Por mais incrível que isto soe, eu ainda me lembro de todas as minhas professoras da educação infantil. A Escola era e ainda é de pequeno porte, o que conseqüentemente nos levava a sentir como em uma grande família. Foi nesta Escola, desde os dois anos de idade que conheci as minhas três melhores amigas, que permanecem na minha vida até hoje como grandes companheiras e presentes nas mais variadas trajetórias assumidas durante o meu percurso.

Todas as professoras com as quais tive o prazer de conviver e aprender merecem destaque e merecem a minha admiração. A tia Bahia no maternal 2, a tia Regina no maternal 3, a tia Ana Maria no Jardim 1, a Tia Adriana no Jardim 2, A tia Dôra na alfabetização. Lembro-me das atividades que fazíamos durante as aulas, das broncas, dos recreios, das brincadeiras que resultavam na junção de palavras, que por fim começavam a fazer sentido com o final do processo. A primeira palavra que eu aprendi a escrever foi CA-SA. A primeira palavra que fez sentido. A primeira vez que eu enxerguei significado na junção de duas sílabas. Atualmente, ainda esbarro com a “tia” Adriana pelo Sudoeste (onde atualmente trabalho) e ela sabe da escolha da minha profissão e da minha paixão pela Educação. Acredito, como ela acreditava, que tudo na vida tem um por quê. E definitivamente, ela esta presente nos tantos “por quês” que me levaram a optar por seguir carreira nesta área, que

apesar de tão difícil, é uma das mais maravilhosas e gratificantes profissões que existem.

O Ensino Fundamental foi bastante diferente de tudo aquilo que eu já havia vivido na Educação Infantil. Como dito nas palavras de Rubem Alves "Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas". A minha experiência de Ensino Fundamental pode ser claramente descrita como uma experiência em uma "Escola gaiola".

"Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-las para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo". (Rubem Alves, Folha de São Paulo)

Foi um período fortemente marcado por 'gaiolas'. Apesar de reconhecer momentos vividos de muita alegria, a ruptura da educação infantil para o Ensino Fundamental foi extremamente sentida por mim. A Escola para a qual eu mudei era maior, possuía muitas turmas, as cadeiras eram dispostas de maneiras diferentes, os alunos eram diferentes, enfim, foi uma mudança que gerou reflexos eternos.

As escolas, em geral, principalmente as particulares, se voltam para a preparação dos alunos para que estes saibam fazer provas. Pelo menos, na minha experiência, posso dizer que senti isto. Foram anos fazendo simulados, provas, testes, exercícios "desafios", sendo "ranqueada" e comparada o tempo todo aos demais. Sempre fomos estimulados a sermos competitivos uns com os outros. Digo isto, pois acredito que não sou a única que sentiu tanto a mudança da Educação Infantil para o Ensino Médio. Sei que muitos usam a seguinte expressão: "As crianças amam a Escola, mas quando entram no Ensino Fundamental é quando passam a ter preguiça, a não querer freqüentar aulas, e a não gostar mais tanto assim da Escola". Mediante minha própria experiência pude viver isto. Por isso, acredito que essa ruptura acarretou mudanças decisivas que de alguma maneira acabaram aparecendo mais a frente, quando escolhi a carreira que gostaria de seguir.

O grande destaque que merece entrar na fila dos meus "por quês" que justificam todo o meu caminho para chegar onde estou chama-se "Tia Tamar". Ela foi minha professora na terceira série, hoje denominado de 4º ano. Ela não foi somente à melhor professora que tive na minha vida escolar, mas também uma das melhores pessoas que já tive a chance de conhecer.

Descrever a minha experiência com ela é como dizer que ela quase conseguiu me 'libertar' da gaiola que vinha me prendendo e me deixar voar livremente por alguns instantes. Somente por alguns instantes porque afinal, a realidade voltou nos anos seguintes e mais uma vez me senti "engaiolada" até a conclusão do Ensino Médio. Foi incrível conviver com esta professora durante um ano, e criar uma relação de tanto afeto e respeito e admiração com alguém. Toda a nossa turma conseguiu se sentir mais unida neste ano. Tenho amigos que conquistei nesta época e que ainda convivem diariamente comigo.

Logo que ingressei na faculdade julgava esta história de Professor desenvolver relação de afeto com aluno irrelevante. Ou seja, em minha opinião afeto não iria ser tão eficaz no processo de ensino-aprendizagem quanto o método em si. Minhas expectativas me levavam a acreditar que o curso me ensinaria métodos eficazes, atividades eficazes e etc. Hoje, atuando em sala, e repensando os meus momentos escolares, posso dizer com a maior certeza que o afeto quando presente na relação professor-aluno é capaz de mudar a vida de ambos.

O ingresso no ensino médio acabou sendo tão ou mais traumático do que o ingresso no ensino fundamental. Foi neste ano, de 2004, que eu me dei conta do tanto que a sociedade é mais cruel do que parece, e as pessoas mais egoístas do que mostram ser. Foi o ano do ranking, das comparações infinitas, das classificações. Durante este período passamos a ser avaliados de semestre em semestre pelos chamados "provões", que visavam avaliar a nossa capacidade de responder variadas perguntas de todas as matérias lecionadas. A escola denominou esses provões de um tipo de um aquecimento para o PAS que faríamos ao final de cada ano do ensino médio almejando entrar na UNB. Após a realização desses provões, tínhamos uma colocação que era colocada para toda a escola ver e assim avaliar quais eram os alunos mais ou menos preparados para o vestibular. O primeiro lugar sempre ganhava pontos na média final de todas as matérias e assim por diante. Deste modo éramos comparados uns aos outros constantemente.

De todo o Ensino Médio, poucos são os que eu considero mestres! Alguns merecem destaque: O Professor Padilha, de História, A professora Teresa de Literatura, e a professora Lana de Português são os que merecem destaque da minha parte. Estes três professores me deixaram boas lembranças e memórias desta época tão turbulenta.

O Ensino Médio em geral afeta o emocional de uma maneira tão imensa que qualquer um que o vive, o vive intensamente. As decepções se tornam mais agudas, uma nota baixa dói de uma maneira inenarrável, as expectativas surgem como uma pulsão da qual você não tem controle. Assim como as alegrias são mais intensas e as superações mais valorizadas. A matemática e a língua entraram com um papel definitivo na minha vida nesta etapa. Foi no Ensino médio que eu descobri o meu gosto pela Língua Portuguesa e pelas mais diversas línguas, principalmente a Inglesa. Foi no Ensino Médio que o meu gosto por seriados americanos surgiu e com ele a minha vontade de entender o Inglês e estudá-lo cada vez mais.

Com a paixão pelas línguas pude ver pelas minhas próprias aptidões como o meu caminho apontava nesta direção: de Línguas. A grande superação foi conseguir passar em Matemática no último ano do Ensino Médio, quando fiquei de recuperação pela primeira vez na vida.

A paixão pelas Línguas não permaneceu somente no Ensino Médio, mas durante o Ensino Médio algumas das minhas paixões e gostos todos passaram a ser definidos. Sinto que este período foi o período em que, apesar das turbulências, foi um período de provação e definição. Definição de aptidões que vieram a meu benefício em um futuro próximo. Pelo fato de ter sido uma fase complicada, repleta de emoções exageradas, foi também uma fase em que as mais diversas definições apareceram. A definição do “quem eu quero ser” daqui em diante se firmou no meu ensino médio. Não preciso nem mencionar que me inclinei para o lado das línguas, das humanas.

A universidade de Brasília não estava, em princípio, nos meus planos. A hora de decidir uma carreira para sua vida, uma profissão na qual você pretende atuar, não é e nunca será fácil e simples. Lembro-me que na época inúmeros pensamentos cruzaram a minha mente, inclusive o de ter uma experiência universitária diferenciada, ou seja, passar em uma Universidade em outra cidade e morar em uma república, etc. Porém, a minha escolha me fez ir para um rumo diferente do que eu havia imaginado.

Não escolhi ser Professora em um belo dia porque acreditei que assim teria a chance e capacidade de contribuir para uma sociedade melhor (evitar a negativa). Hoje quando reflito acerca da minha escolha, posso conectá-la a vários períodos da minha vida nos quais isto, o ser professor, esteve presente de alguma maneira. Desde criança eu gostei de ensinar. Ensinar as amigas a andar de patins, ensinar o

irmão a estudar, ensinar as bonecas a ler. Dizem que alguns possuem este dom. Não sei a certo se eu posso ser considerada uma dessas felizardas que possui o verdadeiro dom de ensinar, mas sem dúvida alguma, posso garantir que me encontrei naquilo que gostaria de exercer para o resto da vida. O casamento foi perfeito.

O ingresso na Universidade de Brasília se deu no ano de 2007. Eu entrei pelo PAS e a entrada foi bastante ‘suada’. Juntamente ao ingresso na Universidade, iniciei o curso de Desenvolvimento de Professores oferecido pela Casa Thomas Jefferson que me despertou a vontade de atuar como professora de Inglês como segunda língua.

A vivência da vida universitária foi uma experiência singular. Digo singular porque sem sombras de dúvidas foi a experiência mais diferente que vivi dentre todas as experiências escolares com as quais podia fazer comparações. Entrar na Universidade acarretou conseqüências que iam muito além do simples fato de entrar em si. O ingresso na Universidade significou a conclusão de uma grande etapa. O ingresso na UNB abarcou crescimento e amadurecimento. Eu tive a oportunidade de conhecer e entender sobre um mundo com o qual eu não havia estabelecido qualquer relação anteriormente. O mundo tão falado, o mundo “adulto”. Graças ao esforço do meu Pai, eu tive o privilegio de ganhar um carro aos 18 anos. E graças ao meu esforço, eu entrei na Universidade de Brasília. Isto, somado a minha conclusão do Ensino Médio, me acarretou mudanças intrínsecas

No primeiro semestre, tudo era novidade, tudo era maravilhoso, tudo. As matérias me pareceram um pouco “estranhas” afinal a disposição da sala de aula era completamente diferente de tudo que eu já tinha vivido antes. Os próprios professores falavam de maneira diferente daquela que eu estava acostumada a ouvir. Com o passar dos semestres, tudo foi ficando normal.

Alguns professores com quem tive o privilégio de ter aulas que me marcaram profundamente. A Professora Fátima de Educação Infantil é uma das que merece destaque por minha parte. Através do seu conhecimento vasto na área da Educação Infantil, eu pude aprender detalhes e atividades que me ajudaram a trabalhar com as minhas turmas de Inglês. Apesar de a matéria trazer conceitos e conhecimentos agregados a Escola regular, eu soube trazê-los para o meu ambiente de trabalho e colocá-los em prática na minha sala de aula. Reconheço a diferença que esta matéria me proporcionou e acredito que esta deveria até mesmo fazer parte das

matérias obrigatórias do currículo de Pedagogia. Eu realmente a considero imprescindível para a minha formação como Pedagoga e professora.

A Professora Teresa Cristina que me lecionou Psicologia Social no 3º semestre foi inesquecível. A Psicologia Social traz consigo heranças advindas da sociologia, psicologia, antropologia, história e biologia, o que conseqüentemente a leva a valorizar diversos aspectos da relação indivíduo e sociedade. Moscovici (1970) postula que a Psicologia Social não poderia ser definida pela unidade do seu objeto, nem por um quadro sistemático de critérios e de exigências, nem por uma coerência de conhecimentos, nem mesmo por uma orientação única seria mais verdadeiro entendê-la como um modo de pensar. Acredito que o aprofundamento dos estudos nesta área, principalmente quando vinculada a Educação pode sem dúvida trazer benefícios para a compreensão da realidade escolar, uma vez que esta envolve implicações afetivas e normativas, com a interiorização de experiências que são socialmente transmitidas através da comunicação social.

O professor Cristiano que leciona Matemática para ensino infantil me surpreendeu. Com ele aprendi que ensinar matemática pode ser prazeroso, estimulante, algo bastante diferente de como eu aprendi quando era criança. As suas aulas eram magicamente estimulantes e prazerosas uma vez que nos ensinavam práticas inovadoras e interessantes capazes de ensinar matemática aos alunos e conseguir fazê-los aprender. Fiquei impressionada com os momentos que vivi com o professor Cristiano, e acredito na diferença que ele causou na minha experiência e na dos demais alunos que tiveram o privilégio de assistir às suas aulas.

Eu tive pouquíssimas experiências ruins vividas na Universidade, me decepcionei com pouquíssimas matérias. Considero isto um aspecto relevante a ser comentado porque acredito que o fato de eu admirar tantos professores com os quais tive contato na minha graduação conta como um ponto crucial para o meu desempenho e empenho em continuar a seguir nesta profissão. Ainda acredito em uma melhora no currículo, como eu mesma sugeri a obrigatoriedade de uma matéria (educação infantil), mas ainda assim, e acima de tudo, acredito no Pedagogo. Acredito na diferença que o pedagogo pode causar na vida de todos que participam do seu trabalho, seja este na sala de aula, na empresa, na coordenação, ou qualquer outro ambiente de trabalho.

No meu 5º semestre, fui contratada pela Casa Thomas Jefferson para lecionar Inglês como segunda língua. Com certeza este foi um momento crucial no delineamento da minha escolha profissional que se direcionou a ensinar Inglês e não mais atuar em Escolas regulares como Professora de Educação Infantil. E experiência com o trabalho me trouxe inúmeras satisfações pessoais. Atualmente, acredito no meu trabalho, acredito no método que uso para ensinar a segunda língua, acredito no potencial dos meus alunos, enfim, acredito no meu trabalho.

Hoje, após dois anos e meio lecionando Inglês, me considero plenamente realizada na profissão. Confesso que desconheço se permanecerei nesta profissão para o resto da vida, porém, atualmente, me considero uma pessoa realizada. Acredito que esta junção de duas áreas de interesse que são o Inglês e a Psicologia social irão me trazer inúmeros frutos no futuro.

A escolha para o tema da minha monografia foi proveniente deste casamento de interesses, surgidos ao longo do meu caminho trilhado na Universidade de Brasília. Acredito que as representações sociais estão presentes no nosso dia a dia de maneira tão intrincada com a realidade que muitas vezes passamos despercebidos por elas. A língua inglesa já faz parte de mim, assim como a própria cultura americana que vivencio no meu cotidiano.

O interesse pelo estudo das representações sociais no ambiente educativo do ensino de Inglês como segunda língua surgiu com a minha atuação como professora de Inglês da Casa Thomas Jefferson há dois anos com a minha iniciação neste espaço de sala de aula. Apesar do surgimento do interesse ter nascido após a minha contratação, reconheço que a minha paixão e admiração pela profissão surgiu há muito tempo e minhas indagações sempre estiveram latejando e pulsando na minha cabeça ao longo destes anos.

O primeiro contato com a profissão se deu com o meu ingresso em Pedagogia na Universidade de Brasília e subsequente ingresso no Curso de Desenvolvimento de Professores oferecido pela própria Casa Thomas Jefferson. Ao final do curso, nos é proporcionado uma oportunidade de atuar como Professor para turmas especiais, com a duração de dois meses. Este é chamado o nosso estágio supervisionado do curso e através desta oportunidade é que passei e me considerar uma real educadora, capaz de ensinar não somente a matéria, mas tocar a vida de pessoas que se tornariam gratas a terem tido esta oportunidade que eu lhes propicie.

Sendo assim, com a minha atuação na área de Inglês e como professora, em um ambiente de sala de aula, onde a interação entre professores e alunos e professores e professores é diária, passei a me questionar sobre algumas opiniões gerais que perpassavam a sala dos professores com frequência. Diante disto, passei a me questionar o porquê de tais “representações” assumidas pelos professores como, por exemplo, “o Inglês sempre vem em segundo plano, por isso na semana de prova da Escola regular tantos alunos faltosos” estarem tão presentes no meu cotidiano. Por levar em consideração, a importância do ensino do Inglês em um país cada vez mais globalizado e um mundo que interage constantemente através deste idioma é que percebi a relevância de uma pesquisa mais aprofundada na área das representações sociais.



**PARTE 2**  
**MONOGRAFIA**

## INTRODUÇÃO

O idioma Inglês é hoje falado por mais de 700 milhões de pessoas, dentre as quais, o número de falantes de Inglês como segunda língua ou língua estrangeira é de mais de 400 milhões de pessoas. Deste modo, este fato o caracteriza como um dos principais, ou mesmo o principal veículo de comunicação entre pessoas de diferentes nacionalidades.

A hegemonia Americana surgiu com o fim da primeira guerra mundial com a ideologia do consumismo exacerbado. Através da implantação das chamadas “Substituições de importações”, a entrada de multinacionais trouxe arraigada a si a sensação de desenvolvimento principalmente para os países considerados de terceiro mundo.

Observa-se atualmente uma busca emergente pela aprendizagem deste idioma que passou a ser exigido como pré-requisito em diversas áreas de atuação profissional. Em todos os mais diversos ambientes pode-se notar a presença da língua como unificadora e predominante. Diante disto, mais e mais pessoas tem procurado melhores e mais eficazes maneiras de se tornarem fluentes neste idioma.

A Teoria da Representação Social (TRS), base teórica desse trabalho, será exposta a partir dos estudos de Moscovici sobre o fenômeno das representações sociais. Representações essas marcadas por processos imaginários, simbólicos, cognitivos que cada um desses personagens constrói e reconstrói em suas experiências grupais. As representações sociais emergem diante de um processo interativo e comunicativo, com a finalidade de tornar o não-familiar, em familiar. Elas se expressam por gestos, idéias e linguagens compartilhadas.

A indagação de como o ser professor se enxerga no processo de ensino-aprendizagem e até que ponto tais representações interferem na sua atuação veio me acompanhando desde um pouco antes de entrar em sala.

Diante disso as questões norteadoras do presente estudo são: quais as representações sociais dos professores de Inglês sobre o ensino do idioma? Quais as representações dos professores quanto ao ensino da segunda língua? Quais os impactos do ensino de Inglês como segunda língua?

Diante disto, o **objetivo geral** desta pesquisa: analisar as representações sociais dos professores de inglês sobre o ensino de inglês como segunda língua, suas motivações e importância da língua.

E como **objetivos específicos**: identificar as motivações dos professores para trabalhar com o ensino da língua, verificar as representações dos professores quanto ao ensino da língua inglesa, e identificar os fatores atribuídos pelos professores à importância da língua inglesa.

# CAPÍTULO 1 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

## 1.1 Breve histórico das Representações Sociais

O tema da pesquisa está postulado na Teoria das Representações Sociais de Moscovici. Neste sentido, é de suma importância entender seu conceito e sua história para compreender como surgiu tal teoria e relaciona-la com a educação. A fim de facilitar o entendimento desta teoria é importante delinear uma base histórica de tal e sua respectiva relação com a Educação. (relacionar ao inglês)

Atualmente, a Teoria das Representações Sociais de Moscovici tem sido interesse de vários pesquisadores e sido abordada nos mais variados setores que buscam compreender as relações existentes entre grupos, culturas e valores que abrangem a existência humana.

A Teoria das Representações Sociais foi introduzida por Serge Moscovici<sup>1</sup>, no ano de 1961, no cenário da Psicologia Social. A construção da teoria teve o seu início nos fundamentos da Psicanálise e sua penetração no pensamento popular da França e sua ancestralidade postulada em Emile Durkheim<sup>2</sup> e a sua Teoria das Representações Coletivas.

Durkheim confiou como principal função da Psicologia Social; estudar tais representações, denominadas por ele de coletivas, suas prioridades, suas origens e seu impacto:

No que se refere as leis do pensamento coletivo, elas são totalmente desconhecidas. A psicologia social, cuja tarefa seria defini-las, não é nada mais que um a palavra descrevendo todo tipo de variadas generalizações, vagas, sem um objeto definido como foco.o que é necessário é descobrir, pela comparação de mitos, lendas, tradições populares e linguagens, como as representações sociais se atraem e se excluem, como elas se mesclam ou se distinguem etc. (Durkheim, 1895/1982: 41-42).

Em outra perspectiva, Moscovici (2003) denominou as Representações de “Sociais”, devido ao caráter mutável das mesmas, decorrentes de dados empíricos.

---

<sup>1</sup> Serge Moscovici – um psicólogo social que nasceu na Romênia em 1928. Dedicou parte de sua vida aos estudos, tornando-se um autor de referência na Psicologia Social, pelo seu conhecimento e suas publicações.

<sup>2</sup> Émile Durkheim (1858-1917) foi um sociólogo francês, porém formou-se em Direito e Economia. Fundou a Sociologia Moderna, tendo como objeto de estudo os fatos sociais, a fim de compreender o que denominou de “Representação Coletiva”.

Devido ao contexto moderno, Moscovici considera mais adequado estudar as representações sociais e não coletivas propostas por Durkheim. De acordo com Farr (2000, p.45) “a velocidade que caracteriza as mudanças políticas, econômicas e culturais e a constante mobilidade que caracteriza as sociedades modernas não possibilitam representações coletivas.” A denominação mais adequada e referente a uma sociedade caracterizada pelo seu pluralismo de idéias e rapidez no seu desenvolver através dos meios de comunicação, é de representação social, dando assim um caráter dinâmico e não estático as mesmas e não as generalizando.

Segundo Moscovici (1978) as representações sociais determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e idéias presentes nas visões partilhadas pelos grupos, regendo condutas apropriadas e admissíveis. Estas são sempre produto da interação e comunicação dos seres sociais. Estas são o “estudo de como, e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em práticas [...]” (Moscovici, *apud* Duveen, p. 8).

O conceito de representação social no qual este presente trabalho se apoiou para fundamentar a sua pesquisa consiste em “como pessoas comuns, sem o benefício dos instrumentos científicos, tendemos a considerar e analisar o mundo de uma maneira semelhante; especialmente quando o mundo em que vivemos é totalmente social (MOSCOVICI, p.33).

Conforme o autor citado entende-se representação social como uma teoria destinada à interpretação ou mesmo intervenção no real. Desta maneira, as representações nada mais são que verdadeiras teorias elaboradas coletivamente através das interações sociais que recaem sobre o senso comum. Teorias estas, elaboradas em um determinado espaço por uma determinada cultura, em uma tentativa de tornar o desconhecido, conhecido.

A construção de uma representação social reside justamente na necessidade de um indivíduo em não ser ignorante e não ficar fora do coletivo. Segundo Moscovici,

“cada um de nos está obviamente cercado, tanto individualmente ou coletivamente, por palavras, idéias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossas mentes, quer queiramos quer não e que nos atingem, sem que saibamos.” (Moscovici, 1978, p.33).

E ainda conforme o autor,

(...) a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação. (Moscovici, 1978, p.28).

De acordo com Moscovici, em uma atividade representativa, o indivíduo não simplesmente incorpora aquele novo de maneira passiva. Mas sim o reconstrói, muitas vezes tendo que remanejar suas estruturas prévias em decorrência do novo que lhe é apresentado. As representações funcionam como reprodutoras, mas apesar da denominação, mesmo a reprodução requer um remanejamento de estruturas.

O estudo das representações sociais é ao mesmo tempo o produto e o processo da atividade de apropriação da realidade externa ao pensamento interno.

“toda representação é de alguém tanto quanto de alguma coisa. É uma forma de conhecimento por meio da qual aquele que conhece se substitui no que é conhecido” (Moscovici, 1969, p.11).

Isso significa que estudar a TRS é buscar compreender o fenômeno das representações sociais que estão vinculadas às práticas sociais e as diversidades grupais numa realidade cotidiana que representa inicialmente a teoria do senso comum, que tenha importância cultural para o grupo. Daí, a articulação e o compartilhamento de conceitos que representam a identidade social do grupo, que também é social (SANTOS; ALMEIDA, 2005).

As representações sociais são sempre produto da interação e da comunicação e toma sua forma e configuração por meio do equilíbrio entre esses dois processos de influência social. Segundo Moscovici, é em função das representações que os indivíduos e coletividades se movem, e não necessariamente das realidades, visto a relevância do estudo da TRS.

A linguagem quando carregada de representações, situa-se como linguagem de observação (expressa fatos puros) e a linguagem da lógica (expressa símbolos abstratos), caracterizando-as com um fenômeno marcante: a união de linguagem e representação.

No contexto das representações sociais de Moscovici (1978) também é importante considerar dois processos que contribuem para suas análises: ancoragem e objetivação, responsáveis pela formação das representações sociais, a fim de tornarem familiar o não familiar.

O processo de ancoragem consiste em submeter o objeto a uma determinada categoria. Ou seja, “sua inserção orgânica em um repertório de crenças já constituído” (ALVES-MAZZOTI, 2000, p.60). Neste sentido, tornamos conhecido o conceito ou objeto representado através do processo de ancoragem.

Segundo Moscovici (2003), ancorar é classificar. O autor afirma que nesta inserção do estranho a uma série de categorias previamente existentes, o objeto inserido relaciona-se com os valores e práticas sociais de maneira que se encaixa nesta construção de significados e sentidos colocados em sua volta.

Ainda nesta lógica, o processo de objetivação descrito por Moscovici é caracterizado pela passagem de idéias ou conceitos para esquemas ou imagens reais. Citando o autor, “faz-se com que se torne real um esquema conceptual, com que se de a uma imagem uma contrapartida material” (MOSCOVICI, 1978, p.110).

Neste caso, a objetivação consiste em reproduzir um conceito em uma imagem correspondente. É através da objetivação que o indivíduo deixa os esquemas conceituais e acopla a estes imagens reais e concretas. Nas palavras do autor: “(...) é também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo.” (Moscovici, 1978, p.111). O autor resume os dois processos da seguinte forma:

Se a objetivação mostra como os elementos representados de uma ciência se integram a uma realidade social, a ancoragem permite compreender o modo como eles contribuem para modelar as relações sociais e como as exprimem (p.176).

Sendo assim, estudar o fenômeno das representações sociais envolve um nível de complexidade e dinamicidade. E neste sentido o conhecimento dos contextos onde os atores sociais estão inseridos é de extrema relevância para a compreensão do estudo das representações sociais. O contexto social, cultural e histórico entra como principais envolvidos no processo que visa compreender a natureza daquilo que se denomina senso comum.

A fim de realizar a investigação científica que o presente trabalho se propôs, a instituição educacional Casa Thomas Jefferson foi o campo escolhido para compreender a teoria descrita e sua importância na vida nos indivíduos inseridos num contexto sócio-histórico-cultural. Para que a pesquisa possa ser compreendida em seu todo há necessidade de contextualizar a importância das representações sociais e sua influência na educação, conforme apresentado a seguir.

Discussões no âmbito educacional ocorrem desde o surgimento das escolas que originaram mediante necessidade social, em busca de uma transformação coletiva e individual, visto que, o espaço escolar é considerado por muitos autores como um espaço de permanente criatividade.

Adotar o referencial teórico proposto por Moscovici (2003) em pesquisas em âmbito educacional significa assumir uma perspectiva que assume as representações sociais como significativas e fundamentais nas relações e práticas cotidianas vivenciadas em espaços Escolares. Esta teoria, atuando em consonância – entre o senso comum e o conhecimento científico traz inúmeras possibilidades de investigação no âmbito educacional, em uma perspectiva que relaciona o indivíduo e o social.

Moscovici (2003) contou com outros autores que contribuíram no desdobramento teórico das representações sociais, como Jean-Claude Abric. Este focou os seus estudos sobre representação social na dimensão cognitiva. Ou seja, mediante um enfoque estrutural, por acreditar que uma representação social é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes.

Sua teoria ficou conhecida como a **Teoria do Núcleo Central** que passou, então, a ser considerada como uma abordagem complementar da Teoria das Representações Sociais. Ela não surgiu para substituir a grande teoria de Moscovici, mas é conhecida como “um desdobramento teórico da noção de núcleo figurativo originalmente proposto por Moscovici” (SÁ, 2002, p. 110). Foi criada como uma proposta teórica e metodológica do estudo das representações sociais, que veio complementar a grande teoria (SÁ, 2002). Um dos aspectos da grande teoria foi a abordagem desenvolvida por Abric (1998) denominada de teoria do núcleo central.



## 1.2 A Teoria do Núcleo Central

A teoria do núcleo central foi proposta por Jean Claude Abric (1998) no ano de 1976. O autor sustenta a hipótese de que toda representação social está organizada em torno de um núcleo central e um sistema periférico. O núcleo central está relacionado a memória coletiva dando significação, consistência e permanência a representação sendo, portando, estável e resistente a mudança. (ANICETO; MACHADO, 2010).

A teoria do núcleo central, formulada por Abric, nos traz a idéia de que o comportamento dos sujeitos não são determinados pelas características objetivas da situação, mas pela representação da mesma. Ou seja, leva em conta tanto os aspectos observáveis como os simbólicos na análise das diversas situações cotidianas que ocorrem, no caso desta pesquisa, em espaços escolares.

Segundo a teoria do núcleo central, existe uma relação entre representação e comportamento. Para Abric (1998), a representação antecede a ação, tendo assim uma função antecipatória. Ou seja, o comportamento dos sujeitos não é determinado pelas características objetivas da situação mas sim pela representação desta.

Segundo Abric, existe uma estrutura interna e dinâmica na qual as representações estão organizadas. Toda representação está organizada em torno de um núcleo central que determina a sua significação e sua organização interna. Este núcleo central desempenha as seguintes funções: geradora, organizadora e estabilizadora. A primeira é responsável pela transformação ou criação de uma representação. A segunda determina a ligação entre as diversas representações. A terceira contém os elementos que resistem à mudança.

Desta maneira, o núcleo central assume esta terceira função e como terceiro elemento, resiste a mudança. Qualquer mudança ocorrida no núcleo central modifica por completo a representação. É através da identificação deste núcleo que identificamos os diversos tipos de representações sobre um dado objeto ou situação.

Os elementos contidos no núcleo central são determinados pela natureza do objeto representado e pela relação da pessoa com este objeto. Os sistemas de valores e normas sociais que constituem o grupo ou o momento ideológico do momento também são relevantes na determinação do objeto ou situação representada.

Em volta do NC encontram-se os elementos periféricos e sua presença e função é determinada pelo núcleo central. Segundo Abric, os elementos periféricos possuem três funções: concretização, regulação e defesa. É nos elementos periféricos que surgem as contradições com a finalidade de modificar as representações.

Isso significa que os elementos periféricos estão ancorados na realidade do momento vivenciada pelo grupo social, por isso que o seu conteúdo é heterogêneo. Como também é um elemento fundamental nos mecanismos de defesa que tendem resguardar o significado central da representação (ABRIC *apud* SÁ, 2002). O sistema periférico vai primeiramente submergir as novas informações ou acontecimentos capazes de colocar em questão o núcleo central.

O entendimento do funcionamento do NC e da organização dos elementos neste favorece uma compreensão mais ampla e permite verificar até que ponto as representações norteiam a ação dos indivíduos, possibilitando assim, a leitura de questões referentes a realidades educacionais.

“para que a pesquisa educacional possa ter um maior impacto sobre a prática educativa ela precisa adotar “um olhar psicossocial”, de um lado, preenchendo o sujeito social com um mundo interior e, de outro, restituindo o sujeito individual ao mundo social” (Moscovici, 1990).

A seguir está a tabela que expõe as características do sistema central e do sistema periférico de uma representação, a fim de facilitar o entendimento do mesmo.

**Tabela 1 – Características do sistema central e do sistema periférico de uma representação:**

<b>SISTEMA CENTRAL</b>	<b>SISTEMA PERIFÉRICO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Ligado à memória coletiva e à história do grupo</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite a integração das experiências e histórias individuais</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Consensual;</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>define a homogeneidade do grupo</b></li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tolerância à heterogeneidade do grupo</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Estável</b></li> <li>• <b>Coerente</b></li> <li>• <b>Rígido</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Flexível</li> <li>• Tolerância às contradições</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Resistente às mudanças</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evolutivo</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Pouco sensível ao contexto imediato</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sensível ao contexto imediato</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Funções:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>gera a significação da representação</b></li> <li>➤ <b>determina sua organização</b></li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Funções:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ permite a adaptação à realidade concreta</li> <li>➤ permite a diferenciação do conteúdo</li> </ul> </li> </ul>

Fonte: Abric *in* Moreira e Oliveira, 2000, p. 4.

Através de sua abordagem estrutural, Abric desenvolveu a Teoria do Núcleo Central, que apresentava a organização interna das representações sociais e suas transformações (SANTOS; ALMEIDA, 2005). Para ele, o estudo das representações sociais deve ir além da identificação dos conteúdos nelas presentes. Deve incluir o estudo de suas estruturas e organizações internas, a fim de identificar o núcleo central da representação, para se compreender efetivamente as práticas sociais, a influência social diante de determinado fenômeno também social.

### **1.3 Representações sociais na Educação**

A educação tem sido um campo em que a noção de representação social tem sido privilegiada. É possível encontrar um número significativo de trabalhos que fazem uso das representações sociais na Educação, embora parte destes estude apenas alguns de seus aspectos. (DOTTA, 2006, p. 27).

Gilly<sup>3</sup> *in* Dotta (2006, p.27) faz referência, considerando o contexto europeu, ao número significativo de trabalhos em que as representações são estudadas em apenas alguns de seus aspectos ou manifestações e, por outro lado, ao europeu, ao número significativo de trabalhos em que as representações em lugar central ou que façam uso de todas as possibilidades que a teoria permite.

De acordo com Dotta (2006), o sistema escolar sempre sofreu influências de grupos sociais que ocupam posições diferentes em relação à instituição, ao longo dos anos. O discurso político, o discurso de outros agentes institucionais de diversos níveis hierárquicos, entre outros são mencionados pela autora em seu livro “Representação social do ser professor”. A autora ainda afirma que “...o campo educacional pode ser considerado como privilegiado para a observação de como as representações sociais se constroem, evoluem e se transformam no interior de grupos sociais. (DOTTA, 2006).

Para Gilly (2001), as representações sociais possibilitam uma nova explicação para os fatores sociais que atuam sobre o processo educativo e seus respectivos resultados. Resultados estes não somente referentes a aspectos macroscópicos, mas também aspectos minuciosos. Por isso, as instituições educacionais tornaram-se um campo favorável para o estudo das influências das representações sociais, sobre a prática que se realiza nos seus espaços.

O estudo das representações sociais é um instrumento de grande utilidade para compreender o que ocorre em sala de aula no decorrer da interação educativa, tanto do ponto de vista dos objetos de saber ensinados, quanto dos mecanismos psicossociais, por vezes discretos, em ação nas aprendizagens. Permite ainda uma ampliação dos fatos estudados, ressitando-os em campos mais amplos de significações sociais, dos quais são dependentes (Gilly, 2001, p.322-323).

A preocupação em analisar as representações sociais dos professores diante do ensino da língua inglesa e o seu entendimento acerca da importância de tal, não se deu mediante uma opinião mecânica ou estática. Mas, para entender a importância do processo de ensino e o seu significado diante dos processos concretos de vida dos grupos sociais contemple uma aprendizagem significativa.

Contudo, o estudo das Teorias das Representações Sociais no âmbito educacional, envolve muitas discussões e temáticas, uma vez que essas

---

<sup>3</sup> Gilly, M. – Teórico francês que se dedica a estudos em representações sociais voltados à educação.

representações possibilitam a compreensão dos fatores sociais, psicológicos e cognitivos que influenciam na formação de conceitos e significados com relação ao ensino e aprendizagem adotados pela instituição de ensino.

Dessa forma, é de grande importância conhecer o processo de ensino em questão, ou seja, o ensino de uma segunda língua para compreender melhor as representações sociais que os personagens desse contexto possuem com relação ao ensino oferecido por uma dentre as mais variadas instituições existentes que trabalham com o ensino de um segundo idioma. Assunto esse, que será abordado no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2 – A LÍNGUA INGLESA

### 2.1 A língua global

Conforme cita Schütz (2004), a origem da língua inglesa se inicia com os Celtas, povos que habitaram a Inglaterra por volta de 1.000 a.C. O povo Celta chegou a ser o principal grupo de línguas na Europa por, aproximadamente, oito séculos e posteriormente sofreu influências de outras línguas ou grupos de línguas tais como: latim, dinamarquês, Frances e alemão.

Segundo Phillipson (1992) a predominância da língua inglesa no mundo se deve a diversas razões. Sendo assim, esta é o resultado do colonialismo britânico, da interdependência internacional e da revolução na tecnologia, transporte e comércio. Também por ser o Inglês a língua dos Estados Unidos, a maior potência econômica, política e militar do mundo contemporâneo.

\*Mais de 370 milhões de pessoas ao redor do mundo tem a Língua Inglesa como primeira língua; e tantas pessoas a utilizam como segunda língua quanto as que a utilizam como primeira língua, senão mais. Uma a cada 5 populações mundiais fala Inglês com algum grau de competência. Trata-se de uma língua oficial ou com status de quase oficial em mais de 70 países, desempenhando um papel significativo em muitos outros.

O caso típico é o papel que o Inglês representa em função do poder e da influência da economia norte-americana. Essa influência cresceu ao longo deste século, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, e atingiu seu apogeu na chamada sociedade globalizada e de alto nível tecnológico, em que alguns indivíduos vivem neste final de século. O Inglês, hoje, é língua mais usada no mundo dos negócios, e em alguns países como Holanda, Suécia e Finlândia, seu domínio é praticamente universal nas universidades. (BRASIL, MEC, 1998, p. 23).

Segundo Todd, enquanto que o português é atualmente falado em quatro países por cerca de 195 milhões de pessoas, o inglês é falado como língua materna por cerca de 400 milhões de pessoas, tendo já se tornado a língua franca, o Latim

dos tempos modernos, falado em todos os continentes por cerca de 800 milhões de pessoas.

“(…) Este é o século do “mundo global” e da “web mundial”, onde a comunicação entre pessoas excedeu o seu espaço de comunicação local. Como nunca visto antes, as pessoas tiveram que aprender uma segunda língua, não somente como um hobby, mas como forma de garantir uma boa educação ou mesmo um emprego. Em tempos como estes, existe uma necessidade óbvia em descobrir mais sobre como as línguas são aprendidas.” (ELLIS, p.3).

O poderio da língua inglesa iniciou-se com a hegemonia da Inglaterra no século 19, alavancado pela Revolução Industrial, e a conseqüente expansão do colonialismo britânico. A partir disto, a língua garantiu o alcance de uma vasta disseminação através da expansão geográfica.

Atualmente, a língua inglesa penetrou o domínio internacional da política, negócios, saúde, comunicação, entretenimento, mídia e educação. A conveniência de existir uma língua franca disponível para servir as relações e necessidades humanas globalmente é hoje apreciada por milhões de pessoas. Diversos domínios são totalmente dependentes da língua, como por exemplo, a indústria dos softwares de computação. O mundo atual é um mundo contemporâneo. Segundo Ortiz (2006):

A globalização declina-se preferencialmente em Inglês. Digo, preferencialmente, pois a presença de outros idiomas é constitutiva de nossa contemporaneidade, mesmo assim, uma única língua, entre tantas, detém uma posição privilegiada (Ortiz, 2006, p.17).

Além deste fato, o poderio político-militar do EUA a partir da segunda guerra mundial também pode ser igualmente relevante. E, neste raciocínio, a marcante influência econômica e cultural resultante, solidificou o Inglês na posição de padrão das comunicações internacionais.

O inglês disseminou-se pelo mundo tanto como língua de negócios como de entretenimento e está presente nos mais variados setores da sociedade. Identifica-se hoje o idioma presente em artefatos culturais, nas relações políticas, nas relações acadêmicas e nas relações internacionais, dentre outras. Os fatores comerciais, industriais, políticos e culturais fizeram do inglês uma língua necessária para o desenvolvimento do mundo atual e já é tido como língua franca no mercado global dos avanços científicos e tecnológico dos elementos extralingüísticos que a língua

comporta em si.

A razão de o inglês ter se tornado uma língua global não tem relação direta com a quantidade de pessoas que a falam. De acordo com Crystal (1997), o Latim foi uma língua global durante o império romano não por ser o povo mais populoso, mas sim o povo mais poderoso.

Apesar de muitos considerarem o Inglês como língua global devido à facilidade de suas estruturas gramaticais quando comparado as demais línguas, esta não é a única razão pela qual o Inglês foi “escolhido” como língua franca ou língua global. De acordo com Crystal:

“Uma língua não se torna global devido as suas propriedades estruturais intrínsecas, ou pelo tamanho de seu vocabulário, ou por ter sido veículo de uma grande literatura no passado, ou por ter sido associada a uma religião ou cultura. estes são fatores que podem motivar alguém a aprender a língua, claramente, mas não somente um, ou alguns destes garante a propagação de uma língua pelo mundo.” (CRYSTAL, 2003, p.9)

Uma língua pode assumir diversos papéis quando se torna oficial. Esta pode ser referida como a única língua oficial de um país, ou dividir este status com outras línguas. E esta ainda pode possuir um status semi-oficial sendo usada somente para certos fins específicos. Independente do status, de uma maneira ou de outra, o Inglês assumiu este posto de língua global não pela sua facilidade gramatical, mas pelo poder e influência que a cultura americana atualmente exerce no mundo.\*

Crystal (2003) afirma que a dominância de uma língua internacional não é somente determinada pelo resultado de fatos históricos específicos. Uma dominância militar pode garantir o estabelecimento de uma língua, mas só um poderio econômico é capaz de mantê-la e expandi-la. De acordo com o autor, “uma língua atinge genuinamente um status global quando esta desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países”. (CRYSTAL, p. 3).

Ainda de acordo com Crystal, existe uma grande variação nas razões pelas quais uma língua adquire este “papel especial”. Dentre estas, estão a quantidade de pessoas que aprendem a língua como primeira língua, ou seja, como língua materna. Torna-la a língua oficial, usada como meio de comunicação nos domínios do governo, leis, mídia e sistema educacional. Ou mesmo torná-la a língua estrangeira mais ensinada apesar desta não ter o status de oficial, algumas vezes registrado na própria constituição do país.



Concomitantemente a estas razões explicitadas por Crystal, outras razões podem ser de fundamental importância para uma língua adquirir este status global, dentre as quais se inclui: tradição histórica, política e o desejo pela inserção no comércio, cultura ou tecnologia. Por consequência, é necessário que o governo disponha os recursos necessários para que o ensino da língua estrangeira ocorra de maneira efetiva e com qualidade, o que muitas vezes não acontece.

Em contrapartida, Phillipson (1992) argumenta que a difusão do Inglês no mundo se deve, principalmente, pelo fenômeno do imperialismo. Nas palavras do autor a “dominância do Inglês afirmada pela constituição e contínua manutenção de desigualdades estruturais e culturais entre o inglês e outras línguas” (1992, p.47). Segundo Phillipson, a hegemonia da língua é sustentada e promovida devido a razões capitalistas. Através da promoção de características intrínsecas da língua, ou mesmo funcionais, a língua vem sendo promovida e garantindo o seu espaço em relação às demais línguas. De acordo com o autor, a difusão do Inglês no mundo implica a possível extinção ou ameaça a outras línguas e conseqüentemente, a outras culturas.

Apesar das diferentes justificativas atribuídas ao fato do Inglês ser atualmente a língua franca, Crystal afirma que o futuro do domínio de uma língua é assegurado quando as diversas organizações demonstram e investem interesse nesta manutenção. E sendo assim, o Inglês permanece como língua global enquanto permanecer o foco de interesse das mais diversas organizações expostas neste capítulo.

## **2.2 O Inglês como segunda língua**

Distinções como as quais entre o status da língua “primeira”, “segunda” e “estrangeira” são práticas, porém tem que haver cuidado para que a interpretação destes não seja simplista (CRYSTAL, 2003, p.6).

A língua materna, ou a primeira língua (L1), não é necessariamente a língua da mãe, ou a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se apenas de uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é freqüentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos lingüísticos e não-lingüísticos estão ligados à definição. A língua dos pais

pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter, mais de uma L1 (caso de bilingüismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1. (Spinassé, P. K, p.5).

A aquisição de uma segunda língua ou língua estrangeira se dá quando o indivíduo já possui habilidades lingüísticas de fala, ou seja, quando este já possui estruturas cognitivas prévias e organização do pensamento adquiridos na aquisição da primeira língua. Enquanto a segunda língua na cultura do falante é essencial para a integração do mesmo, na aprendizagem de uma língua estrangeira o falante não estabelece contato direto com esta e a própria não é fundamental para o indivíduo se inserir em determinada comunidade.

O ensino da língua inglesa no Brasil teve início com o decreto de 22 de Junho de 1809, assinado pelo príncipe regente de Portugal, que mandou criar uma escola de língua francesa e uma de língua inglesa. O texto diz o seguinte:

E, sendo assim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas tem mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa. (Oliveira, 1999 apud Chaves, 2004, p.5).

Inicialmente o ensino de inglês voltou-se para a prática, visando capacitar profissionais a demanda exigida na época, respondendo assim as necessidades de desenvolvimento do país. Desde aquela época, o Estado Brasileiro vem mantendo a sua determinação de incluir o ensino de línguas estrangeiras no currículo da educação pública.

O ensino de inglês no Brasil teve um grande impulso na década de 1930, graças às tensões políticas mundiais que acabaram por culminar na segunda guerra mundial. Neste contexto, a “difusão da língua inglesa no Brasil passou a ser vista como uma necessidade estratégica para contrabalancear o prestígio internacional da Alemanha” (Schütz, 1999). Ainda como consequência das mudanças políticas, a década de 30 presenciou o surgimento dos cursos livres de inglês no Brasil.

A LBD de 1961 estabeleceu que o ensino da língua estrangeira moderna seria o único núcleo comum a ter obrigatoriedade apenas parcial para o 1º grau, mas recomenda a inclusão da língua “onde e quando tenha o estabelecimento condições de ministrá-la com eficiência” (Chagas, 1980 apud Chaves, 2004, p.8).

De acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE) de 1999,

“no âmbito da LDB, as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Consideradas, muitas vezes e de maneira injustificada, como disciplina pouco relevante, elas adquirem, agora, a configuração de disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo. Assim, integradas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de serem parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado.”

Ainda de acordo com o PNE de 1999:

“Ao conhecer outra(s) cultura(s), outra(s) forma(s) de encarar a realidade, os alunos passam a refletir, também, muito mais sobre a sua própria cultura e ampliam a sua capacidade de analisar o seu entorno social com maior profundidade, tendo melhores condições de estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes entre a sua forma de ser, agir, pensar e sentir e a de outros povos, enriquecendo a sua formação.”

Sendo assim, o ensino de uma segunda língua passou a ser de suma importância e valorização pelos mais diversos campos de atuação. Valorizado não somente em termos dos diferentes componentes da competência lingüística mas também relacionado às questões culturais, como explicado anteriormente. A aprendizagem passa a ser vista, então, como fonte de ampliação dos horizontes culturais.

## CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

### 3.1. Método

Levando-se em consideração que a questão básica deste estudo é analisar quais as representações sociais do professor de Inglês como segunda língua acerca do ser professor, realizou-se, no intuito de responder a essa questão, segundo os procedimentos metodológicos para a coleta de dados, a pesquisa exploratória.

Relembrando o **objetivo geral** desta pesquisa: analisar as representações sociais dos professores de inglês sobre o ensino de inglês como segunda língua, suas motivações e importância da língua. E os **objetivos específicos**: identificar as motivações dos professores para trabalhar com o ensino da língua, verificar as representações dos professores quanto ao ensino da língua inglesa, e identificar os fatores atribuídos pelos professores à importância da língua inglesa.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (GIL, p.27)

As pesquisas de caráter exploratório constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Neste sentido, o produto final passa a ser mais esclarecido e passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados. Neste sentido, “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. (GIL, 2010, p.27).

Tal pesquisa caracteriza-se por oferecer dados primordiais sobre a realidade específica investigada, permitindo ao pesquisador aumentar seus conhecimentos em torno do problema proposto. Explica-se, pois, que “a pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é explorado” (GONSALVES, 2007, p. 67).

É também indutivo porque, segundo GIL, este método parte de um particular e visa alcançar generalizações como produto.

O método indutivo procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. (GIL, 2010, p.10).

Através do método indutivo parte-se de fatos ou fenômenos que se busca conhecer e os compara com a finalidade de descobrir a relação que existe entre eles.

As conclusões obtidas por meio da indução correspondem a uma verdade não contida nas premissas consideradas (...), por meio da indução chega-se a conclusões que são apenas prováveis. (GIL, 2010, p.11).

Com o advento do positivismo o método indutivo ganhou credibilidade no meio científico e teve sua importância reforçada, de modo que passou a ser proposto como o método mais adequado para as investigações sociais.

Graças a seus influxos é que foram definidas técnicas de coleta de dados e elaborados instrumentos capazes de mensurar os fenômenos sociais. (GIL, 2010, p.11).

Dessa forma, foram utilizados instrumentos e procedimentos que possibilitaram a identificação e função das representações sociais, de acordo com o objetivo da pesquisa, a fim de aumentar a probabilidade de que os relatos tivessem validade e fidedignidade. Nesse sentido, foram aplicadas estratégias metodológicas que deram suporte para uma análise quantitativa e qualitativa dos dados coletados, a fim de compreender e interpretar em profundidade, o objeto investigado. Vale ressaltar que o foco do trabalho é qualitativo, embora este faça o uso de elementos da análise quantitativa, como gráficos, demonstrados no próximo capítulo.

### **3.2. Participantes da Pesquisa**

Participaram desta pesquisa oito professores que lecionam Inglês como segunda língua na filial Sudoeste, da instituição Casa Thomas Jefferson. Imaginou-se que por estarem lecionando há alguns anos nessa modalidade, eles teriam

condições de contribuir de forma efetiva na pesquisa, e, ainda, por terem vivenciado muitas experiências relacionadas ao ensino do Inglês como segunda língua.

Dos vinte questionários entregues, oito foram respondidos, sendo que seis foram do sexo feminino e dois do sexo masculino, com faixa etária entre 24 a 43 anos (conforme exposto na tabela 1).

Desse grupo de professores, cinco deles são casados e três solteiros. Dos oito sujeitos, cinco tem filhos. Quatro professores são pós-graduados e um está com o mestrado em curso. Todos possuem ensino superior.

Nesse grupo de sujeitos na época da coleta de dados todos trabalhavam na instituição Casa Thomas Jefferson. Esses dados apresentam as características que compõem o perfil dos professores e revelam que há uma predominância do sexo feminino em detrimento do masculino.

### **3.3 Instituição Pesquisada**

Optou-se por realizar esse estudo na Casa Thomas Jefferson, a partir da exposição dos objetivos da pesquisa apresentados pela pesquisadora, autorizaram a realização da pesquisa no âmbito da Instituição. A escolha por essa instituição se deu, pelo fato da pesquisadora ser docente na instituição há dois anos e meio. Desde o início, a pesquisadora tinha interesse em realizar seus estudos na Instituição pelo fato desta ser uma Instituição de renome e trabalhar com o Ensino da segunda língua de uma maneira diferenciada das demais instituições de Ensino de Inglês como segunda língua.

### **3.4 Estratégias Metodológicas**

Diante dos objetivos definidos e da natureza da pesquisa, buscou-se um instrumento que contemplasse a possibilidade de verificar quais as representações do professor de Inglês como segunda língua acerca do ser professor. Para isso, utilizou-se o questionário como instrumento de coleta de informações.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc. (GIL, p.121).

Segundo Martins (2008) o questionário é considerado uma estratégia metodológica importante e popular no processo de coletas de dados para uma pesquisa de caráter social por se “tratar-se de um conjunto ordenado e consistente de perguntas a respeito de variáveis e situações que se deseja medir ou descrever” (MARTINS, 2008, p. 36).

De acordo com Gil, o questionário pode proporcionar uma série de vantagens para uma pesquisa social. Este garante o anonimato dos sujeitos envolvidos na pesquisa, permite aos sujeitos responde-los em momentos convenientes, não os expõe a influencia dos demais sujeitos envolvidos na pesquisa, entre outros.

Além disto, segundo Alves-Mazzotti (2004), nos estudos de representação social aponta que é comum a utilização tanto dos questionários como de entrevistas para inferir as representações, pois essas estratégias metodológicas podem possibilitar a apreensão dos conteúdos e sentidos do objeto de pesquisa por meio de seus elementos constitutivos tais como informações, crenças, imagens, valores, expressos pelos sujeitos no decorrer da investigação.

O questionário contém bases suficientes para a identificação do gênero e para a delimitação da faixa etária dos alunos e três questões abertas propostas para identificar as considerações desses sujeitos sobre os assuntos objetos de análise. Após a coleta de dados, os mesmos foram tabulados e apresentados em forma de tabelas e quadros, seguidos das respectivas análises.

### **3.5 Procedimentos em relação à pesquisa**

Inicialmente foi realizada uma solicitação informal com a Diretora e Coordenadora da Filial Sudoeste para a realização desta pesquisa. Após este momento inicial, a pesquisadora enviou um e-mail a Instituição Casa Thomas Jefferson requerendo a permissão da Diretora Geral para a realização da pesquisa na Filial Sudoeste.

Aplicaram-se os instrumentos acima apresentados, divididos em etapas, a fim de alcançar os objetivos propostos neste estudo de investigação científica.

### **3.6 Procedimentos em relação aos Professores**

O questionário dos professores foi entregue pela pesquisadora aos Professores da filial Sudoeste no mês de Abril. Foram entregues 20 questionários, do quais somente oito foram respondidos.

Por se tratar de um questionário simples e não muito extenso, a pesquisadora acreditava que teria uma colaboração significativa, mas, do total de professores, apenas 8 responderam o questionário.

Considerando os objetivos da pesquisa, destaca-se que todas as perguntas propostas no questionário serão objetos de análise em nosso estudo.



## CAPÍTULO 4 – SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo tem por objetivo apresentar as análises e discussões dos resultados encontrados na pesquisa, os quais evidenciam as representações sociais dos professores de Inglês sobre o ser professor.

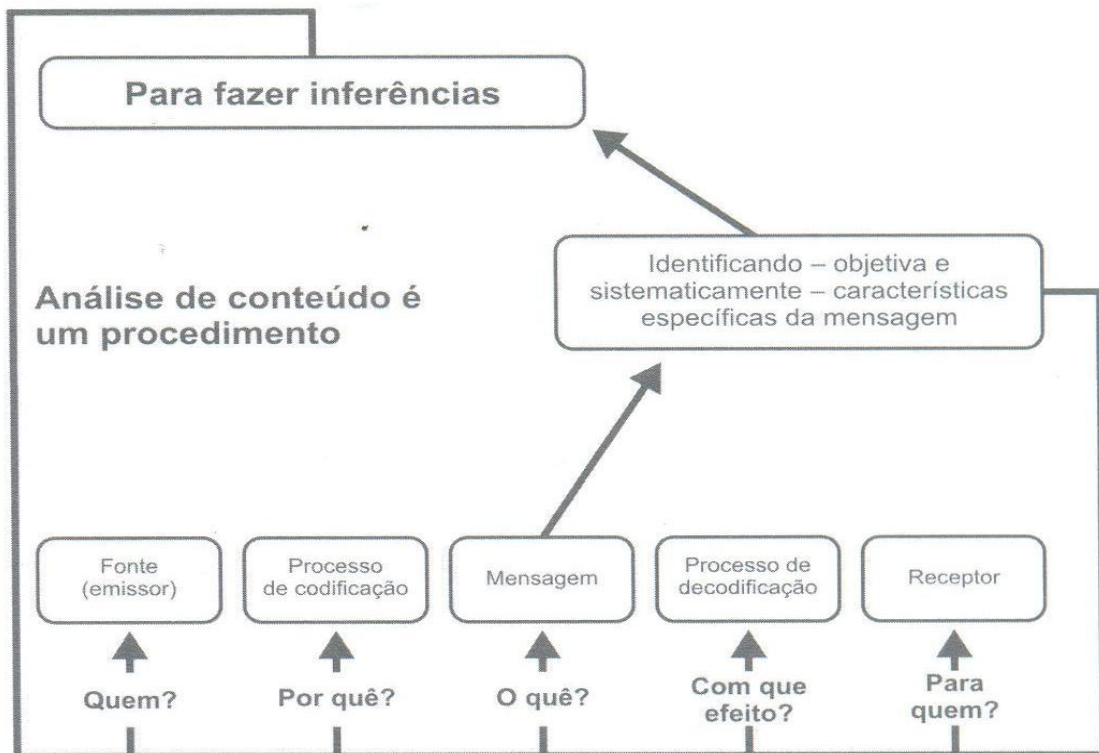
Para a análise dos resultados utilizou-se a perspectiva da análise de conteúdo, de acordo com Bardin (1977). No entendimento de Franco (2008, p. 23) “a análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”. Esta, conforme Bardin (1977, p. 38), pode ser considerada como:

“[...] um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não)” (BARDIN, *apud* FRANCO, 2008, p. 24).

Franco (2008, p. 23) esclarece de maneira detalhada que a análise de conteúdo pressupõe que as descobertas apresentem importância teórica e, nesse sentido, afirma que “uma informação puramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo, a outro dado” (FRANCO, 2008, p. 20).

Segundo Franco, a análise de conteúdo permite ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação. A seguir, na figura 1, apresentam-se características explicitadas pela autora que garantem um entendimento mais efetivo sobre a análise de conteúdo:

**Figura 1 – Características definidoras da análise de conteúdo. (FRANCO, 2008, p. 23).**



Fonte: Características definidoras da Análise de Conteúdo. (FRANCO, 2008, p. 23).

De acordo com Bardin (1988, p.40), esse tipo de técnica de análise pode ser considerada como:

Um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...]. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (grifo do autor).

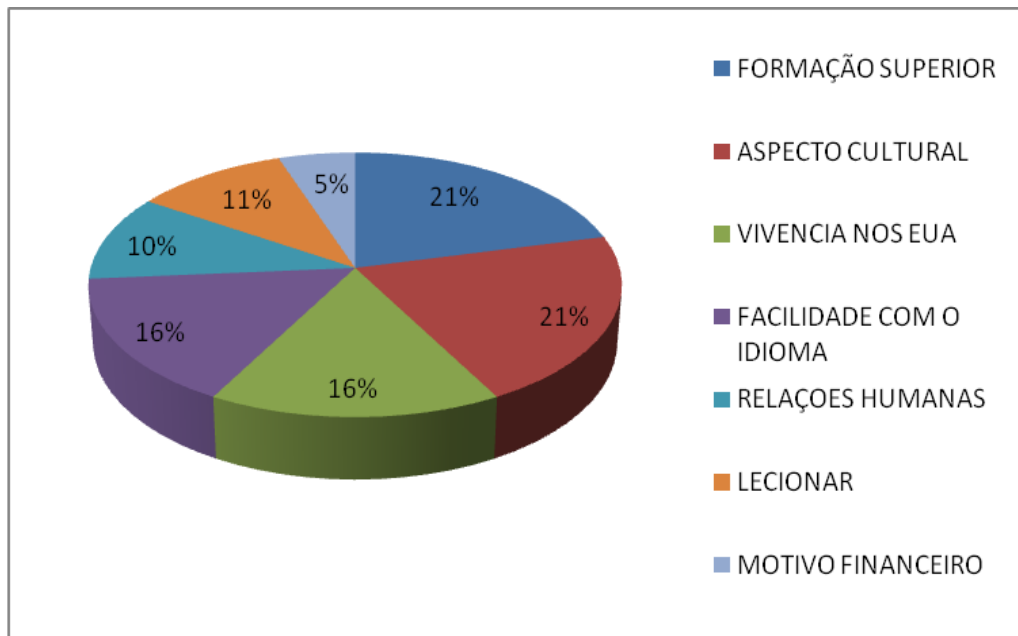
Os resultados apontados pelas entrevistas realizadas nesta monografia foram dispostos em categorias. Cada categoria envolve diversos termos que foram agrupados em classes de acordo com a relação semântica entre as respostas.

Vale ressaltar que o número de ocorrências não corresponde ao número de participantes. Cada participante pode apresentar mais de uma resposta para cada classe, por isso o número de ocorrências, por vezes, não corresponde ao número de participantes.

Os dados foram analisados respeitando a ordem das questões apresentadas aos professores. As questões foram apresentadas quantitativamente e dispostas em gráficos considerando a frequência das respostas dos participantes e as abertas foram analisadas qualitativamente por meio da adaptação da técnica de análise de conteúdo da Bardin (1988) apresentadas por quadros para cada categorização.

Com relação à primeira pergunta apresentada ao professor “o que o levou a trabalhar com o ensino de Inglês como segunda língua?” obtiveram-se as seguintes respostas conforme dispostas no gráfico a seguir:

**Gráfico 1 – Fatores que motivaram a escolha da profissão:**



A partir dos dados apontados no gráfico acima constata-se que 21% dos professores optaram por seguir esta carreira de Professor de Inglês por ser consequência da escolha de sua formação superior. De maneira que outros 21% mencionaram o aspecto cultural da cultura americana como sendo outro fator primordial para a escolha da profissão. Em seguida, 16% dos entrevistados citaram a vivência nos EUA por um período como um dos fatores que impulsionaram a escolha da profissão. Por seqüência, outros 16% mencionaram a facilidade em aprender o idioma como fator de escolha. Apenas 11% fizeram menção à paixão por lecionar enquanto outros 10% dos sujeitos citaram as relações humanas como fator. Por fim, 5% atribuíram à escolha a necessidade financeira.

Para estas mesmas perguntas surgiram respostas heterogenias, porém dentro do que se esperava diante dos conceitos teóricos sobre a modalidade em questão, conforme pode se observar na tabela abaixo:

**Quadro 1 – Categoria 1: Fatores que motivaram a escolha da profissão:**

CLASSES	Respostas	Nº de Ocorrências
<b>FORMAÇÃO SUPERIOR</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Curso de Letras Inglês</li> <li>➤ Curso de Letras Português – Inglês</li> </ul>		4
<b>ASPECTO CULTURAL</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fascínio pela cultura</li> <li>➤ Paixão pelo idioma</li> </ul>		4
<b>VIVENCIA NOS EUA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Período nos Estados Unidos</li> </ul>		3
<b>FACILIDADE COM O IDIOMA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Facilidade em aprender línguas estrangeiras</li> <li>➤ Gosto por idiomas</li> </ul>		3
<b>RELAÇÕES HUMANAS</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Se relacionar com seres humanos</li> <li>➤ Trabalhar com pessoas</li> </ul>		2
<b>LECIONAR</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estar em sala de aula</li> </ul>		2
<b>MOTIVO FINANCEIRO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Necessidade de ganhar dinheiro</li> </ul>		1

No quadro 1, estão dispostos os fatores apresentados pelos professores questionados sobre o que os levou a trabalhar com o Inglês como segunda língua. Tais termos fazem referência às respostas dadas na primeira questão aberta do

questionário. Ou seja, “o que o levou a trabalhar com o ensino de Inglês como segunda língua?”.

Pode-se observar, de acordo com o quadro, que os professores(as), ao serem questionados(as) sobre o que os levou a trabalhar com o ensino de Inglês, indicaram a formação superior (4) e o aspecto cultural (4) da língua e sua respectiva cultura como os principais norteadores da sua escolha profissional.

A vivência fora do Brasil (3) também foi citada por alguns como uma razão primordial, por possibilitar uma vivência cotidiana com a língua e a cultura do país. Um dos professores ressalta que *“somente após viajar e passar um período fora do Brasil que me tornei uma amante do Inglês. Logo que retornei dos EUA, a minha única vontade era estudar mais e trabalhar com algo que a envolvesse”*.

Com o mesmo grau de ocorrências (3), a facilidade com o idioma também foi citada por 16% dos envolvidos na pesquisa. Algumas das justificativas explicitadas nos questionários foram *“sempre gostei muito de idiomas”, “por ter muita facilidade com o idioma”, “sempre tive facilidade em aprender línguas estrangeiras”*.

Um dos questionados ainda ressaltou que *“por ter muita facilidade com o idioma acreditei que o curso de letras satisfaria meus anseios”*, atribuindo assim à questão da facilidade de aprendizagem como um fator determinante na escolha do curso superior, que por consequência levou a escolha de atuar em sala de aula como professor de segunda língua.

Logo abaixo, 10% dos sujeitos fizeram menção às relações humanas e ao lecionar, justificando o gosto por ambos como um fator importante na escolha profissional. *“sempre gostei de dar aulas”* e *“sempre gostei de lecionar”* foram algumas justificativas encontradas nas respostas. Um dos sujeitos mencionou ambos em sua resposta, ressaltando que esta profissão o proporciona *“...uma experiência maravilhosa, que é o se relacionar diretamente com seres humanos a todo momento, e poder ver o progresso na aprendizagem deles. É muito gratificante.”*

Por fim, somente um dos questionados citou a razão financeira como sendo um fator que determinou a escolha do seu ingresso na área, citando *“o gosto pela língua aliado a necessidade de ganhar dinheiro”*.

Ao retomar o conceito de alguns teóricos sobre as representações sociais presentes no discurso, percebemos que existe uma consonância entre as respostas dos professores(as) e os conceitos apresentados no referencial teórico. De acordo

Santos e Almeida (2005, p. 21) discorrer sobre representações sociais é “(...), mas a uma forma de conhecimento compartilhado, articulado, que se constitui em uma teoria leiga (...)”.

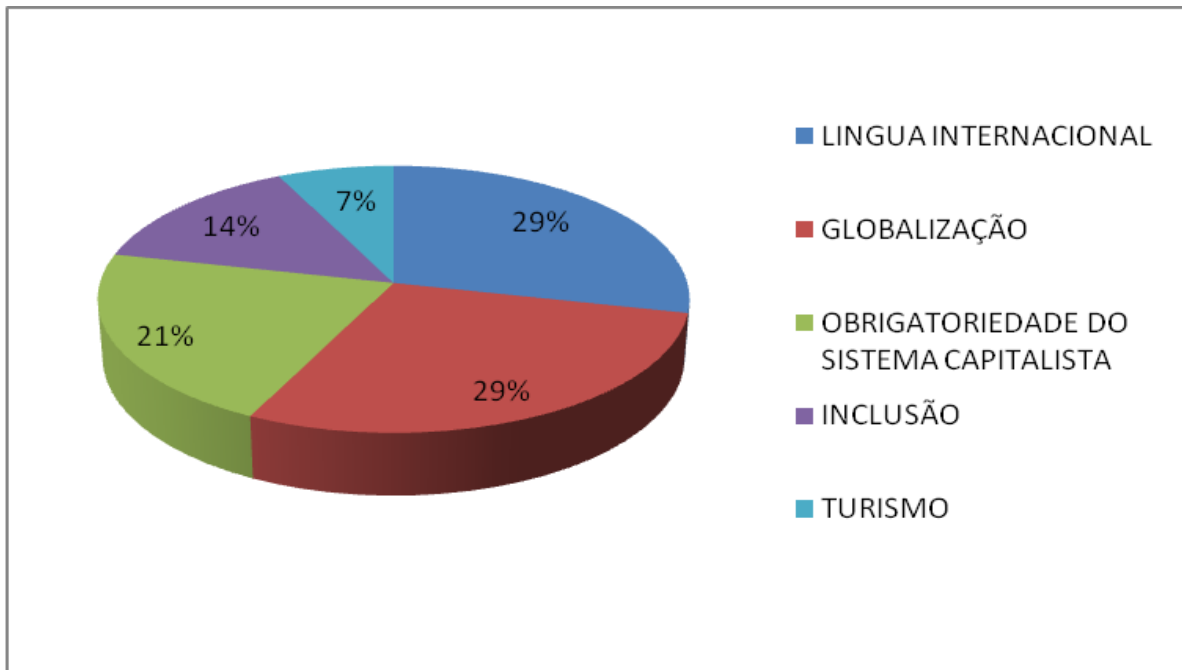
Diante do exposto pelos professores, percebe-se que a maioria dos respondentes identifica que o que os levou a trabalhar com o Inglês está ligado a sua formação na graduação ou o gosto pela aprendizagem da língua e paixão pela cultura americana. E sendo assim, compartilham uma opinião semelhante no que tange a escolha da profissão de professor estar ligada, em sua grande maioria, às aptidões pessoais (facilidade com o idioma, vivência da cultura, gostos pelo idioma) e a conseqüente influência da escolha do curso superior.

Um dos questionados ainda ressaltou que *“por ter muita facilidade com o idioma acreditei que o curso de letras satisfaria meus anseios”*, atribuindo assim à questão da facilidade de aprendizagem como um fator determinante na escolha do curso superior, que por conseqüência levou a escolha de atuar em sala de aula como professor de segunda língua.

Outro questionário ainda apresentou a seguinte resposta: *“sempre gostei muito de idiomas e optei pelo curso de Letras-Inglês (...) foi natural seguir a carreira de professora.”*

Com relação à segunda pergunta apresentada ao professor “qual a relevância do ensino de Inglês como segunda língua nos dias atuais?” obteve-se as seguintes porcentagens conforme dispostas no gráfico a seguir:

**Gráfico 2 – Relevância do ensino do idioma:**



A partir dos dados apontados no gráfico acima constata-se que 29% atribuem o título de língua franca do idioma Inglês como primordial para a relevância do ensino do idioma para a sociedade atual. De maneira que outros 29% mencionaram a globalização como sendo outro fator primordial para a relevância do ensino do Inglês. Por seqüência, 21% dos entrevistados citaram atribuíram à obrigatoriedade do ensino de uma segunda língua nos dias atuais. 14% mencionaram a necessidade de inclusão no mundo como um fator relevante para o ensino do idioma. Por fim, 7% fizeram menção ao turismo como uma das razões pelas quais é importante ensinar e aprender Inglês no mundo atual.

Para estas mesmas perguntas surgiram respostas heterogêneas, porém dentro do que se esperava diante dos conceitos teóricos sobre a modalidade em questão, conforme pode se observar na tabela abaixo:

**Quadro 2 – Categoria 2: Relevância do ensino do idioma:**

CLASSES	Respostas	Nº de Ocorrências
<b>LINGUA INTERNACIONAL</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Língua franca</li> <li>➤ Língua oficial</li> <li>➤ Língua utilizada internacionalmente</li> </ul>		4
<b>GLOBALIZAÇÃO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Relações comerciais, políticas e diplomáticas</li> <li>➤ Intercambio científico</li> <li>➤ Internet</li> <li>➤ Influencia de países de língua Inglesa no mundo</li> </ul>		4
<b>OBRIGATORIEDADE DO SISTEMA CAPITALISTA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Imprescindível nas diversas áreas de conhecimento</li> <li>➤ Exigido para inserção no mercado de trabalho</li> <li>➤ Exigido no currículo profissional</li> </ul>		3
<b>EXCLUSÃO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quem não domina o Inglês não se insere no mercado</li> </ul>		2
<b>TURISMO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Viagens a turismo</li> <li>➤ Recepção de estrangeiros no Brasil (Copa e Olimpíadas)</li> </ul>		1

No quadro 2, os termos apresentados foram utilizados pelos professores questionados sobre a relevância do ensino do Inglês nos dias atuais. Tais termos fazem referência às respostas dadas na segunda questão aberta do questionário. Ou seja, “qual a relevância do ensino de Inglês como segunda língua nos dias atuais?”.

Pode-se observar, de acordo com o quadro, que os fatos mais citados pelo grupo de professores(as), foram os seguintes: a língua internacional (4) e a globalização (4). Ou seja, 58% dos questionados atribuem estas duas razões como majoritárias para a relevância que o idioma possui para a sociedade. Através das respostas dadas, é possível notar que existe uma relação entre ambas.



De acordo com Crystal, em seu estudo do Inglês como língua global, identifica-se hoje o idioma presente em artefatos culturais, nas relações políticas, nas relações acadêmicas e nas relações internacionais, dentre outras. Ou seja, fatores comerciais, industriais, políticos e culturais fizeram do inglês uma língua necessária para o desenvolvimento do mundo atual e já é tido como língua franca no mercado global dos avanços científicos e tecnológico dos elementos extra-lingüísticos que a língua comporta em si.

Sendo assim, é fácil de enxergar a relação entre a globalização e o idioma como língua global, o que evidencia a representação contida no discurso dos questionados, uma vez que mais de 50% destes reconheceu ambos relacionados e relevantes para a sociedade atual globalizada e conectada.

De acordo com o quadro, a obrigatoriedade (3) foi um fator mencionado pelos sujeitos da pesquisa. Na seqüência, a inclusão (2) foi mencionada como outro fator para a relevância do idioma. O argumento de vários dos professores(as) em questão foi o uso recorrente das palavras “*imprescindível*” ou “*exigido*” para explicitar a necessidade da aprendizagem do idioma para que os falantes sejam incluídos tanto no mercado, como no mundo que está cada vez mais conectado.

De acordo com ELLIS pode-se concluir que: “...como nunca visto antes, as pessoas tiveram que aprender uma segunda língua, não somente como um hobby, mas como forma de garantir uma boa educação ou mesmo um emprego..” (ELLIS, Rod. P.3).

Por fim, o turismo (1) foi citado como um fator que também contribui para a necessidade de aprendizagem do idioma.

De acordo com Crystal, a língua inglesa penetrou o domínio internacional da política, negócios, saúde, comunicação, entretenimento, mídia e educação. A conveniência de existir uma língua franca disponível para servir as relações e necessidades humanas globalmente é hoje apreciada por milhões de pessoas.

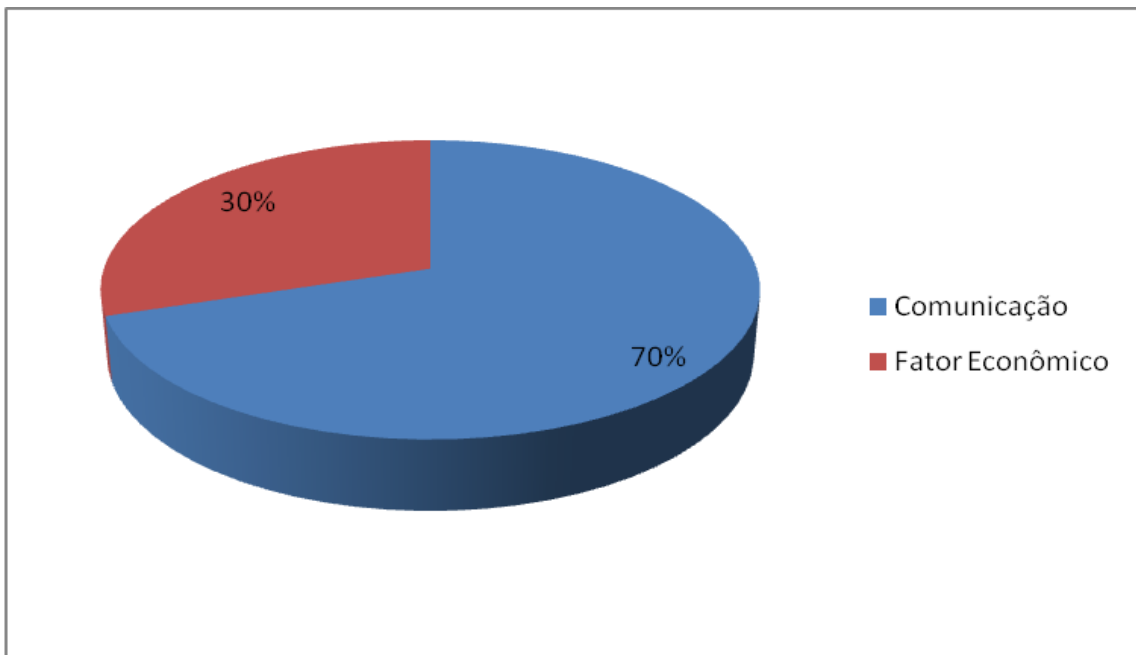
Neste sentido, “cada um de nos está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, idéias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossas mentes, quer queiramos quer não e que nos atingem, sem que saibamos.” (MOSCOVICI, 1978, p.33).

Através da análise das respostas dos questionários, relacionadas com as representações, nota-se que os professores(as), mais uma vez, demonstram estar de acordo no que tange a relevância do ensino do idioma, atrelado a influência e

poderio da cultura americana, e compartilham das mesmas idéias e imagens que carregam em suas palavras.

Com relação à terceira pergunta apresentada ao professor “quais fatores podem ser atribuídos a importância do Inglês na sociedade atual?” obteve-se as seguintes porcentagens conforme dispostas no gráfico a seguir:

**Gráfico 3 – Relevância do idioma na sociedade:**



A partir dos dados apontados no gráfico acima constata-se que 70% dos sujeitos atribuiu à comunicação o posto do fator mais relevante do idioma na sociedade atual. Os demais 30% fizeram menção ao fator econômico como sendo o fator que caracteriza a importância do idioma para a sociedade.

Para estas mesmas perguntas surgiram às seguintes respostas, conforme pode se observar na tabela abaixo:

**Quadro 3 – Categoria 3: Relevância do idioma na sociedade:**

CLASSES	➤ Respostas	Nº de Ocorrências
<b>COMUNICAÇÃO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A necessidade da comunicação entre falantes de diferentes línguas</li> <li>➤ Avanços tecnológicos e científicos</li> <li>➤ Necessidade de informação</li> <li>➤ Força cultural e política</li> <li>➤ Globalização</li> </ul>		7
<b>FATOR ECONOMICO – TURISMO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Facilidade de viajar devido a acessibilidade de custo</li> <li>➤ Queda do dólar</li> </ul>		3

Neste quadro, evidencia-se claramente a presença da globalização (7) mais uma vez confirmando a relevância do idioma. A ocorrência de sete respostas ratifica a necessidade da comunicação a favor de aproximar os países falantes de diferentes línguas. O fator econômico (3) foi mais uma vez mencionado como fator que caracteriza a relevância do idioma na sociedade.

Algumas justificativas expostas pelos professores(as) foram às seguintes: “a globalização é fato e os mercados mundiais se comunicam, usualmente em Inglês”. Ainda “toda essa força cultural e política que os Estados Unidos possuem levam, sem dúvida, o Inglês a ocupar um espaço tão amplo, de forma tão forte e poderosa”. E finalmente “o Inglês é o idioma usado entre falantes de línguas diferentes.” Um dos sujeitos ressaltou em sua resposta ao item: “o uso da tecnologia. Os aparelhos normalmente contêm palavras em Inglês”. De acordo com Crystal, “os mais diversos domínios são totalmente dependentes da língua, como por exemplo, a indústria dos softwares de computação. Neste âmbito pode-se verificar que a língua está plenamente firmada”.

A representação contida nas respostas dos sujeitos da pesquisa, que atribuíram como fatores cruciais a comunicação e o fator econômico à importância da língua Inglesa, mais uma vez, confirma o que foi apontado em capítulos

anteriores pelos autores. Ou seja, que a hegemonia da língua é sustentada e promovida devido à razões capitalistas. Razões estas claramente citadas pelos professores(as) ao afirmarem que devido à fatores econômicos e culturais, atualmente, o ensino do idioma passa a ser imprescindível para a sociedade.

Ainda de acordo com Crystal, o futuro do domínio de uma língua franca é assegurado quando as diversas organizações demonstram e investem interesse na manutenção de mesma. E, atualmente, o que tem acontecido com o Inglês é esta idéia de manutenção da língua como língua franca.

## CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente trabalho, evidencia-se que as representações sociais dos professores de Inglês acerca do ensino de Inglês como segunda língua são similares no que tange a teoria apresentada pelos teóricos nesta monografia.

A comunicação mundial decorrente de todo um processo de globalização que garante atualmente aos Estados Unidos um caráter de cultura e país hegemônico foram fatores evidenciados pelos professores(as) em suas respectivas análises da relevância do ensino do idioma e do idioma em si para a sociedade.

O desenvolvimento desta pesquisa pautou-se em questionamentos iniciais apresentados pela pesquisadora: qual a concepção do professor acerca do ensino do Inglês? De tal forma, esclarece-se o nosso objetivo geral, que foi, justamente, “analisar as representações sociais dos professores de Inglês sobre o ensino do Inglês como segunda língua.”

Nesta parte final do trabalho é necessário estabelecer as relações entre as concepções apresentadas pelos professores(as) pesquisados(as). No intuito de verificar se os questionamentos propostos foram respondidos, faz-se necessário retornar aos objetivos específicos deste trabalho.

Verifica-se, pelos resultados, que o primeiro objetivo específico do trabalho “identificar as motivações dos professores para trabalhar com o ensino da língua”, a formação superior e o gosto pela cultura americana como principais motivações para a escolha de suas profissões. A ocorrência de respostas com estes itens foi percentualmente igual (21% para cada), do qual se conclui que o peso atribuído para tais motivações é similar.

No que se refere ao segundo objetivo específico, “verificar as representações dos professores quanto ao ensino da Língua Inglesa”, destaca-se a globalização e a caracterização do idioma como língua franca como sendo aspectos primordiais que justificam a relevância do ensino do idioma nos dias atuais.

Aponta-se, pelos resultados, que mais de 50% dos questionados concordam que a influência da cultura americana aliada à era do fácil acesso a comunicação entre diversos países caracterizou o Inglês como “língua franca”, falada pelos falantes de diferentes idiomas de maneira global.

Em se tratando do terceiro objetivo “identificar os fatores atribuídos pelos professores à importância da língua Inglesa”, evidenciou-se a comunicação como principal justificativa. Comunicação esta que engloba de alguma maneira a globalização, a necessidade de comunicação entre os diversos países, o avanço tecnológico, a força cultural e política os Estados Unidos, dentre outras justificativas, previamente citadas pelos sujeitos nos capítulos anteriores.

Pode-se concluir que os professores(as) compartilham de uma mesma ideia acerca do fator mais influente e que caracteriza o idioma como relevante a ser aprendido para uma melhor inserção no mundo, ou seja, compartilham uma mesma representação. Neste sentido, Moscovici (1978, p.76) diz que qualificar uma representação social é optar pela hipótese de que ela é produzida, engendrada coletivamente.

Spink (2004) ao estudar as Representações sociais a partir da perspectiva teórica de Moscovici, ressalta que o contexto em que os indivíduos estão inseridos é de fundamental importância, inclusive para o desenvolvimento de uma pesquisa. Haja vista que *“as representações são campos estruturados pelo habitus e pelos conteúdos históricos que impregnam o imaginário social, seja porque são estruturas estruturantes desse contexto e, como tal, motores da mudança social”* (SPINK, 2004, p. 9).

Pode concluir através do resultado da pesquisa que os professores(as), provenientes de um mesmo contexto social, no qual todos tiveram acesso ao ensino superior, tem condições de viajar e estar em constante contato com a língua inglesa, e sendo assim, usufruíram de oportunidades para o aprendizado da língua, compartilham ideias semelhantes no que tange as suas representações acerca da escolha da profissão, da relevância do ensino e da relevância do idioma para a sociedade atual.

Moscovici oferece suporte teórico para a compreensão das semelhanças encontradas, quando afirma que a formação das representações sociais encontra influência na organização social; nesse caso, a realidade educacional da qual os professores fazem parte.

Através do presente trabalho, conclui-se que o estudo das representações sociais contribui para uma abordagem da vida mental individual e coletiva, uma vez que estas envolvem a pertença social dos indivíduos com as implicações afetivas e normativas, com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamentos, que são socialmente transmitidos pela comunicação social, que a ela estão ligadas. (DOTTA, 2006, p.25).

Diante dos resultados, identifica-se a semelhança entre as respostas dadas pelos professores e o descrito pelos autores como razões da hegemonia da cultura americana e conseqüente predominância e importância do ensino do Inglês para a sociedade atual. Afinal, o espaço educativo é considerado um lugar favorável para o estudo das representações sociais sobre a prática educativa que se efetiva no interior dos muros institucionais e para além dos muros institucionais.

Cabe destacar que este estudo contribuiu para minha formação profissional de diversas maneiras: pude vivenciar a importância de ser uma pesquisadora e de ter a possibilidade de sistematizar vários conhecimentos, sejam teóricos ou práticos, vivenciados ao longo do curso.

Todo o processo de coleta de dados, apesar de complexo e trabalhoso, caracterizou-se em uma experiência singular. Me apropriei de conhecimentos inerentes à temática investigada nesta pesquisa e através da análise as suas implicações, relações puderam ser estabelecidas validando os resultados. Não é possível descrever o quanto aprendi com os sujeitos colaboradores deste trabalho.

Acredita-se que a análise apresentada neste trabalho pode e deve ser contemplada por novos estudos, pois ainda há muito o que se investigar sobre a temática. Deste modo, percebemos que futuras análises poderão contribuir significativamente para a continuidade de tal pesquisa.

## PARTE 3



## PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A conclusão do curso de Pedagogia significa uma mudança substancial para a minha carreira. Com a conclusão desta etapa, uma nova se inicia. Uma etapa de constante busca pelo crescimento profissional, uma vez que o diploma de uma graduação garante tal reconhecimento perante a sociedade.

Acredito que tentei usufruir tudo o que me foi proporcionado ao longo desses quatro anos e meio de curso, mas reconheço que ainda posso descobrir uma imensidão de saberes e por tal motivo pretendo fazer, posteriormente, mestrado e, se a vida permitir, doutorado.

A área com a qual me identifiquei que é a sala de aula em um espaço de ensino de idiomas. Tenho a intenção de dar continuidade aos meus estudos nesta área e estudar, também, de maneira mais aprofundada, os temas abordados no roteiro de entrevista e as questões do questionário utilizadas nesta pesquisa que não foram objeto de análises, além de sempre buscar fazer a diferença no que eu me propuser a realizar.

Destaco a oportunidade que tive de integrar a equipe de Professores de uma instituição de renome que é a Casa Thomas Jefferson, reconhecida pelo seu excelente trabalho com o ensino do Inglês como segunda língua, que me ingressou no mercado de trabalho. Há mais de dois anos venho vivenciando situações diversas relacionadas ao ensinar, ao ato educativo, e cada vez mais posso dizer que me sinto apoiada por essa instituição e encorajada a continuar fazendo o meu melhor a cada semestre de trabalho.

É fascinante saber a diferença que um bom educador e profissional pode causar na vida dos seus alunos e é extremamente reconfortante receber o carinho e respeito dos alunos em troca deste trabalho. Acredito na educação e no Professor e pretendo continuar realizando meu trabalho em sala de aula, cotidianamente, com meus alunos e espero fazer diferença no futuro de várias pessoas e ainda, se Deus permitir, ajudar a melhorar a condição da Educação do país.

Espero poder continuar fazendo parte da Casa, pois tenho aprendido muito com todos os meus pares, meus chefes, enfim, com toda essa maravilhosa equipe.

Além do aspecto profissional, espero ainda, poder continuar dedicada aos estudos para que eu possa trilhar um caminho de mais vitórias e conquistas.

Reconheço a ocorrência de possíveis momentos de angústias e dúvidas ainda por vir. Mas também reconheço o amor que tenho pela Educação e pelos meus alunos e a diferença que causei em suas vidas. Por isso, enquanto me for permitido, pretendo estar em sala de aula.

Quanto as minhas inúmeras inquietações, deixo-as guardadas onde sempre estiveram. Acredito que estas permaneceram guiando meus novos percursos e minhas próximas escolhas.

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs). Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB Editora, 1998.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Trabalho infanto-juvenil: representações de meninos trabalhadores, seus pais, professores e empregadores.
- ALVES, R. Gaiolas e Asas. Folha de S. Paulo, Tendências e debates, 05/12/2001.
- ANICETO, R. A.; MACHADO, L. B. Núcleo central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. Aval. pol. públ. Educ. v.18, n.67, p.345-364, abr./jun. 2010.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias. Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999. pp 49-63.
- CHAVES, C. O ensino de inglês como língua estrangeira na educação infantil: para inglês ver ou para valer? 2004. 26 p. Monografia (Curso em Especialização em Educação infantil) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.
- CRYSTAL, D. English as a Global Language. Cambridge: Cambridge University Press, Nova Iorque, 2003.
- DOTTA, L. T. T. Representações sociais do ser professor. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.
- DURKHEIM, E. A divisão do trabalho social. 1ª edição [1895]. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1989.
- DURKHEIM, E. *The rules of sociological method*. Londres. Macmillan Press. 1895/1982.
- DUVEEN, G. Social representations: explorations in social psychology, Nova York, Polity Press/Blackwell Publishers, 2000.
- FRANCO, M. Análise de Conteúdo. Brasília- DF: Liber, 2008.
- GIL, A. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 2010.

GILLY, M. (2001) As representações sociais no campo da educação. Em: JODELET, D. (Org.), As representações Sociais, (pp. 321- 341). Rio de Janeiro: Ed Uerj.

GONSALVES, E. Iniciação à Pesquisa Científica. São Paulo: Alínea, 2007.

MARTINS, G. A. Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, S. Introduction: Le domaine de la psychologie sociale. In S.MOSCOVICI (dir.). Psychologie sociale. Paris: Presses Universitaires de France, 1990 (2<sup>a</sup> ed).

ORTIZ, R. 2006. Mundialização: saberes e crenças. São Paulo, Brasiliense, 214 p.

PHILLIPSON, R. H. L. Linguistic Imperialism. Oxford: Oxford University Press, 1992.

RANGEL, M.; TEVE, N. (Orgs.). Representações sociais e educação: Temas e enfoques contemporâneos de pesquisa. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.

REVISTA CONTINGENTIA. Rio Grande do Sul: Instituto de Letras, 2006, Vol.1. ISSN 1980-7589

SÁ, C. P. A construção do objeto de pesquisa em representação social. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1994.

SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. (Orgs.). Diálogos com a teoria da representação social. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

SCHÜTZ, R. História da Língua Inglesa: English Made in Brazil. Disponível em <http://www.sk.com.br/skenhis.html> Acesso em: 30/04/2011.

SPINK, M. J. P. (Org.). O Conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TODD, L.; HANCOCK, R. International English Usage. New York: New York University Press, 1990.

VENTURINI, L. Origem e desenvolvimento da língua inglesa. Disponível em <http://literar.org/text/t4nxqcf3d-origem-e-desenvolvimento-da-lingua-inglesa> Acesso em: 28/06/2011

Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. Alda Judith Alves-Mazzotti. Em aberto, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994

Perspectivas Teórico-metodológicas em representações sociais. Antônia Silva Paredes Moreira (org.) – João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2005. (cap. 19 – Análise das Evocações Livres: uma Técnica de Análise Estrutural das Representações Sociais – Oliveira et al.



---

---

---

---

3. Quais fatores podem ser atribuídos a importância do Inglês na sociedade atual?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---